

**Maracatu Rural Estrela de Ouro de Aliança-PE:
da roça à França¹**Júnia MARTINS²
Júnior PINHEIRO³**Resumo**

Políticas públicas culturais permanentes são escassas no Brasil, especialmente enquanto estímulo ou lastro de ações e atividades relacionadas às culturas populares. O Maracatu Rural Estrela de Ouro, situado na Zona da Mata pernambucana, criado em 1966, pode ser citado como exemplo desta afirmativa. Como manifestação tradicional regional, sobrevive há décadas, em grande parte, devido aos investimentos de brincantes e simpatizantes. Contudo, ao se tornar o primeiro Ponto de Cultura do Nordeste, em 2004, o Estrela de Ouro se fortaleceu, trazendo com ele outras ações apoiadas pelo Governo Federal, por meio do Programa Cultura Viva. No 21º Festival de Danças e Músicas do Mundo, na França, em 2006, o Estrela de Ouro chegou a participar com apresentação e realização de oficinas; tornando-se assim, o primeiro maracatu rural pernambucano a apresentar-se na Europa. Este artigo traz a história do Maracatu Estrela de Ouro, desde o seu surgimento até a atualidade. Foi utilizada a pesquisa qualitativa, de base bibliográfica, acompanhada por análise exploratória, com foco na potência desta manifestação cultural para o empoderamento e desenvolvimento local, considerando seus agentes folkcomunicacionais, contextos geográfico e social.

Palavras-chave: Maracatu Rural. Folkcomunicação. Desenvolvimento local.

Considerações iniciais

Quando Luiz Beltrão (2001) fundamentou sua pesquisa sobre o conceito de folkcomunicação, lançou sementes de um estudo passível de germinar em muitos solos. No Brasil, as maneiras com as quais os indivíduos ou grupos periféricos se comunicam,

¹ Artigo originalmente apresentado na 15ª Conferência Brasileira de Folkcomunicação, de 6 a 8 de junho, em Campinha Grande-PB.

² Mestranda em Comunicação e Culturas Midiáticas (UFPB), especialista em Leitura (UESB-BA); graduada em Comunicação Social, habilitação Rádio-TV (UESC-BA); membro da Rede Folkcom. E-mail: juniamartins@ymail.com.

³ Coordenador de Programação da TV UFPB; especialista em Leitura; graduado em Comunicação Social, habilitação Jornalismo (UESB-BA); membro da Rede Folkcom. E-mail: juniorpinheiro@ymail.com.

utilizando para isso elementos do folclore ou da cultura popular, são diversas. Uma delas é o maracatu.

Não existe certeza absoluta de quando surgiu o primeiro maracatu. Porém, no estudo aqui apresentado, a intenção não é detectar este momento, embora sejam trazidos alguns indícios de quando ele supostamente tenha ocorrido. O que nos interessa é demonstrar como o maracatu rural ou maracatu de baque solto pôde transformar a vida de dezenas de moradores da zona rural, mais precisamente, dos residentes na região que envolve o Sítio Chã de Camará, em Aliança, Pernambuco. Os cortadores de cana, trabalhadores do canavial, tendo como instrumento o maracatu e outras manifestações culturais desenvolvidas pelo então Ponto de Cultura Estrela de Ouro, puderam cruzar o Atlântico e, em 2006, se apresentaram na França.

Esta viagem à Europa se consuma como uma das muitas conquistas do PC Estrela de Ouro. O seu maracatu é também o único de baque solto a receber a medalha de Ordem do Mérito Cultural (OMC 2009)⁴ – das mãos da Presidência da República e do Ministério da Cultura – por ser considerado o mais importante maracatu rural de Pernambuco.

No estudo aqui proposto, partimos da afirmativa gramsciana de que todo homem é intelectual, embora nem todos atuem funcionalmente como intelectuais na sociedade (GRAMSCI, 1995). A partir desse pressuposto, compreendemos que mesmo o sujeito integrante de classe marginalizada, é capaz de produzir, absorver, converter informações; criar mecanismos particulares para canalização destas, mediá-las no seu dia-a-dia em sítios dialógicos diversos, num partilhar corrente – e ao mesmo tempo, pontual – de experiências e sentimentos.

Esta pesquisa tem caráter introdutório. Para contarmos a história do Sítio Chã de Camará e seus personagens (muitos deles podem ser compreendidos como agentes folkcomunicacionais), utilizamos como base a obra do professor e historiador Severino Vicente da Silva (2008), que também é o coordenador do Ponto de Cultura Estrela de Ouro. Além disso, executamos visita *in loco* no mês de outubro de 2011, quando na reinauguração da Biblioteca Mestre Batista. Um dia inteiro de celebração, quando

⁴ Trecho com momento da entrega da medalha pode ser visto no endereço: <http://youtu.be/MJISzG70iCI>.

conversamos com José Lourenço, Biu Vicente, Mestre Zé Duda, Luiz Caboclo, Biu do Coco, entre outros. Acompanhamos o trabalho do Ponto de Leitura com crianças da região, vimos a brincadeira do cavalo-marinho, assim como a preparação e o desfile do Maracatu Estrela de Ouro constituído apenas por crianças atendidas pelo projeto. Pudemos nos tornar mais próximos da história e do lugar onde a cultura da cana-de-açúcar deu espaço a uma revolução que traz como instrumento principal a cultura popular.

1. Maracatu rural e maracatu nação

Um dos estudos considerados mais completos sobre os maracatus é o do compositor brasileiro Guerra Peixe (1981). Ele esteve em Recife entre os anos de 1949 e 1952, período em que observou não haver ainda, entre os estudiosos, uma categorização precisa dos maracatus. A partir daí, foram definidos dois tipos – o maracatu nação e o de orquestra. O primeiro também é conhecido como maracatu de baque virado e, o segundo, como maracatu de baque solto ou rural. Ambos possuem dois setores – um setor constituído por indivíduos caracterizados e outro responsável pela execução das músicas. Porém, os dois maracatus diferem quanto à caracterização dos seus personagens, tipo de apresentação e estilo musical.

O maracatu rural é normalmente constituído por trabalhadores da terra, em sua maioria, vinculados à cultura da cana-de-açúcar. Apresenta a fusão de folguedos populares como bumba-meu-boi, cavalo-marinho e reisado. Como personagens, ele traz o Mateus, Bastião, Catirina, as Baianas, a Dama de Paço (conhecida como calunga), os Bandeiristas, a Burra, os Caçadores, os Caboclos de Pena, os Caboclos de Lança e o Mestre. Este último é quem puxa as toadas, ao tempo em que a orquestra silencia. A orquestra, por sua vez, revela instrumentos como clarinete, saxofone, corneta, tarol ou caixa, surdo, ganzá, chocalhos, cuíca, zabumba e gonguê. Mais acelerado que o ritmo do maracatu nação, o baque solto tem marcha executada em quatro, seis e dez linhas rítmicas.

Já o maracatu nação tem música entoada que se aproxima do toque do Xangô e do candomblé. Originado a partir das cerimônias do Rei Congo (congadas), a

religiosidade africana é marcante no grupo. O cortejo real, que é acompanhado pela percussão, constitui-se de Porta-Estandarte, Dama do Paço, Rei e Rainha, Vassalo, Figuras da Corte, Damas da Corte e Yabás. Os batuqueiros, que dão ritmo ao maracatu nação, tocam instrumentos como caixas de guerra, alfaias, gonguês, xeguerês e maracás.

A historiadora Isabel Guillen (2007) fala que, ao passo que os maracatus rurais foram tomando visibilidade, “começaram a ser encarados como mera descaracterização ou deturpação do ‘autêntico’ maracatu de origem africana, o maracatu nação” (GUILLEN, 2007, p. 237). Para Roberto Benjamin, a adjetivação “rural” ao maracatu de orquestra teve caráter depreciativo, no intuito de “diferenciá-lo do outro, considerado ‘tradicional’”. (BENJAMIN, 1982, p. 202). Recorrendo, ainda, a um jornal impresso pernambucano, no ano de 1966, Katarina Real (1990) encontrou o seguinte texto:

É simplesmente lastimável a apresentação desses maracatus descaracterizados que todos os anos aparecem no Carnaval. Melhor seria que esses conjuntos não fossem classificados como tais, pois maracatu com orquestra, flautas e pífano, com uma praga de “tucháus” carregando nas traseiras aquela lataria pode ser tudo menos uma “nação africana”. (REAL, 1990, p. 94).

Os estudos iniciados por Guerra Peixe foram fundamentais para a desmistificação de tal pensamento, assim como para a valorização do maracatu de orquestra quanto à complexidade da sua música – até então considerada por muitos como primitiva.

Atualmente, as duas categorias – rural e nação – fazem parte do carnaval oficial de Recife, participando não apenas com apresentações, mas também das competições por prêmios; atraindo, não somente nos carnavais, mas durante todo o ano, gente do Brasil e do mundo.

2. Do surgimento do maracatu: contexto social

Para compreendermos a história de determinada sociedade, comunidade, grupo social ou cultural, é importante voltarmos nosso olhar às questões imbricadas nos processos da sua formação e maturação. Entre outros fatores, tais processos estão

associados ao espaço geográfico, às lutas sociais, às experiências econômicas, religiosas e políticas.

Em Pernambuco, a formação do seu povo está diretamente vinculada às ocupações efetivadas pelos europeus entre os séculos XVI e XVII. Nas palavras do historiador Severino Vicente (SILVA, 2008, p.17), “embora tenha sido a destruição da mata a primeira atividade econômica escolhida pelos portugueses, então especialistas em escambo, foi o cultivo da cana e a produção de açúcar o fundamento de Pernambuco”. A Zona da Mata pernambucana teve sua formação, portanto, em grande parte, vinculada à cultura da cana-de-açúcar. Tal cultura está enraizada na história de Aliança e do Maracatu Rural Estrela de Ouro. A história da economia açucareira no país rememora, contudo, o período do Brasil-Colônia. É preciso retornar a ele para perceber os laços da tradição que unem a imagem do brincante do maracatu ao trabalhador do canavial, desde o tempo em que este era escravo.

Incorporada à economia ainda nos tempos do Brasil colonial, a produção da cana-de-açúcar se estendeu por terras das quais os índios haviam sido expulsos. Os escravos negros, como trabalhadores nas plantações, conviviam, assim, com caboclos e indígenas também escravizados. A fim de amenizar a possibilidade de rebelião nas senzalas, alguns senhores de engenho permitiam, contudo, que seus escravos dançassem e cantassem. Gilberto Freyre (2005) diz que a alegria vinda do canto, da música e da dança dos escravos quebrava a melancolia e a monotonia da Casa Grande.

Com a abolição da escravatura, em 1888, foi concedida a emancipação jurídica, mas isto não implicou necessariamente numa ascensão social dos homens então livres. Índios, negros e caboclos continuavam expropriados, muitos deles se tornaram “moradores de condição”:

Ao lado de algumas dezenas de escravos, costumavam (os senhores de engenho) contratar trabalhadores assalariados – índios semicivilizados, mulatos, negros livres. (...) era freqüente, nessa região, os senhores de engenho, por não poderem adquirir escravos devido ao seu alto custo, para suprir a necessidade de braços, facilitarem o estabelecimento de moradores em suas terras, com a obrigação de trabalharem para a fazenda. Esses trabalhadores tinham permissão para derrubar trechos da mata, levantar choupanas de barro ou de palha, fazer pequeno roçado e dar dois ou três dias de trabalho semanal por baixo preço ou gratuito ao senhor de engenho. (ANDRADE, 1973, p. 104)

Como podemos constatar, os ex-escravos permaneciam em condições subalternas, muitos deles atrelados à produção dos engenhos. Porém, “nessa nova situação, homens e mulheres passaram a criar novas formas de se divertir, agora sem a necessidade de anuência do grande proprietário.” (SILVA, 2008, p.41). É a partir daí que se tem indícios dos primeiros brincantes do que ficou conhecido como maracatu:

Caboclos que viviam como moradores dos engenhos começavam a se vestir de índios, no dizer de Manuel Correia – índios semicivilizados – a saírem anunciando, com barulho de chocalhos presos em suas costas, a sua chegada. Carregavam nas mãos pedaços de madeira, que diziam ser uma lança e a enfeitavam. Cobriam suas cabeças com chapéus afunilados. Ainda que sássem sozinhos de suas casas, após algum tempo, formavam um grupo, uma tribo ou nação. Nessa situação, foi nascendo, foi sendo criado, o Maracatu.

Aos poucos, foram se agregando ao som dos chocalhos, também chamados de maracás, e outros instrumentos: o mineiro, a poica, o tambor e muito depois, o trombone. Assim formaram o Terno. (...)

Nas terras da Zona da Mata Norte se fundiam tradições diversas: nos entrudos, apareciam os “cambindas”, a cambinda, homens que saíam vestidos de mulheres, sem alterar a sua masculinidade; os autos de Natal, as brincadeiras de Mateus, os costumes indígenas, etc. Com fantasias simples, foram se vestindo de índios ou caboclos, muitos tomavam caminhos para o encontro com outros caboclos como eles. Eram temidos por suas lanças, seus chapéus afunilados e pelo barulho que faziam com os chocalhos pendurados em surrões, nas suas costas. Esses caboclos, esses índios mestiços, surgiam em quase todos os engenhos. Os moradores, os meeiros, os trabalhadores de condição, criavam novas maneiras de expressar a sua vida, os seus sonhos. Assim foram se formando tribos diversas, ocorria a recriação das antigas tribos, adotando novos procedimentos, refazendo antigas histórias. Em cada engenho, formavam-se grupos que iam à direção de povoados e de pequenas cidades à época do carnaval. (SILVA, 2008, p.42-43)

A brincadeira unindo caboclos, negros e índios trabalhadores dos engenhos, transmitida por gerações normalmente ágrafas, tem sido remodelada e vivificada ao longo das décadas. Em Pernambuco, o maracatu é tombado pelo IPHAN como patrimônio imaterial; diversos grupos de maracatu recebem, inclusive, incentivo do Governo para suas atividades. Mas nem sempre foi assim ou nem sempre é assim. No Maracatu Rural Estrela de Ouro, por exemplo, durante muitos anos, a alegria da manifestação se sustentou à custa do investimento dos próprios brincantes. Em 2004, porém, as atividades sediadas no Sítio Chã de Camará ganharam maior visibilidade com

a parceria do governo federal. Nascia o Ponto de Cultura Estrela de Ouro, por meio do Programa Cultura Viva (Ministério da Cultura).

Entre o surgimento do Maracatu Estrela de Ouro até o reconhecimento como Ponto de Cultura, contudo, há uma história de perseverança a se contar.

3. Maracatu Estrela de Ouro de Aliança: a saga de uma tradição⁵

Situado no Planalto do Borborema, na Zona da Mata Norte de Pernambuco, Aliança se tornou reconhecido como município no ano de 1928. Segundo censo do IBGE realizado em 2010, tem população estimada em 37.415 habitantes, dos quais 17.168 residem na zona rural; o que corresponde a um percentual aproximado de 45,9%. Limita-se ao leste com Condado e Itaquitinga; ao norte com Timbaúba, Itambé e Ferreiro; ao oeste com Timbaúba e Vicência; ao sul com Nazaré da Mata, Buenos Aires e Tracunhaém. Banhada pelos Rios Sirigi e Capibaribe Mirim, Aliança também é cortada por estrada de ferro construída no século XIX a fim de escoamento da produção do açúcar. Segundo Severino Vicente da Silva, até o ano de 2008, havia no município, 79 engenhos.

Seis anos após a municipalização de Aliança, nasceu em Santa Luzia, povoado do distrito de Tupaóca (município de Aliança), uma figura ilustre da história cultural daquela região – Severino Lourenço da Silva. Ele era filho único de Joana Batista Dias e Antonio Lourenço da Silva. Conforme Severino Vicente (2008), o menino cresceu sob os cuidados de Joana Batista, do avô e do tio maternos. Estes dois últimos organizavam, ali no povoado, as apresentações do cavalo-marinho e do Maracatu Nação Cambinda Nova. O menino cresceu vendo as apresentações, mas com a morte do seu tio, em 1951, o Cambinda Nova parecia ter chegado ao fim.

Nos tempos de juventude – já conhecido como Severino Batista – Severino Lourenço se casou com a filha do dono do Sítio Chã de Camará, Sebastiana Maria da Silva. Com ela, teve quatro filhos. Inicialmente, não morou ali no Sítio, e sim num outro, arrendado. Trabalhou comercializando produtos agrícolas para as feiras regionais

⁵ Apropriação do título que dá nome à obra de Severino Vicente (2008).

e com isso, conseguiu guardar algum dinheiro. Em 1965, porém, com o falecimento do sogro, passou a residir no Chã de Camará, de onde começou a prestar serviço para a Usina Aliança.

Na usina trabalhou como fiscal e controlador das entregas de partidas de cana vindas de alguns engenhos. Também foi escolhido para ser ‘comissário’ de polícia. Embora não tenha sido parte do quadro oficial da milícia, agia como representante do Estado, mantendo a ordem na região. Seu nome era pronunciado com respeito. (SILVA, 2008, p.65)

O respeito relacionado a Severino Batista provinha do seu poder de liderança, da habilidade em comercializar, do conhecimento de vida que deixava transparecer, das diversas pessoas que conhecia especialmente por conta das muitas rotas de mercancia que traçava.

Joana Batista, mãe de Severino, havia pedido a ele para não brincar no maracatu. Naquele tempo, o maracatu rural era discriminado socialmente e reprimido pelas autoridades, circunstância que justifica o pedido da sua mãe. Três anos após o falecimento dela, porém, Batista tomou uma decisão – fundou, no dia 1 de janeiro de 1966, no Sítio Chã de Camará, o Maracatu Rural Estrela de Ouro. Estava dada a continuidade à tradição iniciada por seu tio e seu avô. Severino Lourenço começou a vestir a indumentária de caboclo. Aos poucos, passou a ser conhecido como Mestre Batista.

Das arrumações do caboclo, do feitio das máscaras às golas e chapéus, tudo era confeccionado no Sítio. Ali, os finais de semana se transformavam em grandes momentos de comunhão e festa, por onde passavam pessoas de toda a região para brincar ao som do maracatu e das rodas de ciranda, dançar o forró de rabeça, ver o cavalo marinho. Mas também dali o cavalo-marinho saiu para animar outros engenhos, outros espaços; ampliando a manifestação cultural rural de forma a chamar a atenção, por exemplo, do professor da Universidade do Texas, John Murphy, que desenvolveu estudos sobre o tema.

Em 1977, todavia, a esposa do Mestre Batista faleceu. Sete anos depois, ele casou-se com Maria Gonçalves, a Maria Camará, com a qual teve outros quatro filhos.

Em 1991, contudo, chegou a vez de Batista despedir-se. Junto com sua morte, parecia também ter morrido o Estrela de Ouro.

4. Da roça à França

A morte do Mestre Batista assolou o ânimo dos moradores do Chã de Camará. Daquele momento até o ano de 1994, o Maracatu Estrela de Ouro teve como líder, Ramiro José da Silva. Mas o grupo parecia cada vez menos sorridente e desencorajado, perdia participantes, falava-se no seu fim inevitável. Os brincantes que restaram acreditavam que o Estrela de Ouro poderia sobreviver se comandado por um dos filhos do Mestre Batista; porém, estes consultados, não demonstraram interesse. Insistentes, os caboclos pediram ajuda a José Lourenço da Silva, segundo filho do Mestre Batista. José Lourenço, nascido em 1954, morava em Recife desde os seus 17 anos. Após ir para a capital, visitava o Chã de Camará apenas nas férias, quando presenciava algumas das atividades culturais desenvolvidas por seu pai.

Em 1995, Zé Batista (como passou a ser chamado José Lourenço), atendendo ao pedido dos caboclos do Sítio, decidiu então voltar seus olhos àquele lugar e retomar a tradição a qual seu pai se dedicava. Não foi um período fácil. Para recomeçar, era necessário, além da reconquista da confiança dos caboclos e atração dos brincantes, o investimento financeiro, principalmente para confecção e recuperação dos ornamentos.

Logo após o carnaval de 1995, José Lourenço convidou, então, o experiente Mestre Zé Duda para retornar ao Maracatu. Zé Duda havia deixado o Estrela de Ouro quando no falecimento do Mestre Batista, em 1991. Aceitou o convite e voltou em 1997.

Na dedicação ao Chã de Camará, Zé Batista acabou perdendo seu emprego de vendedor. Comprou uma Kombi e passou a transportar passageiros em Recife. No carnaval de 1997, investiu grande parte das suas economias no Estrela de Ouro. A crise foi, gradualmente, sendo amenizada. Naquele ano, o maracatu rural do Chã de Camará consagrou-se como o campeão do carnaval recifense.

Já em 1998, o grupo participou de um evento promovido pela África Produções, a qual tinha como responsável o produtor Afonso Oliveira. O projeto, que

contou com o apoio do MinC e da Prefeitura de Recife, permitiu a participação do Estrela de Ouro na gravação de uma das faixas do CD Maracatu Atômico. As conquistas e mudanças, porém, não pararam por aí.

No ano 2000, a função de Mestre Caboclo foi assumida por José Luiz Silva, o Mestre Luiz Caboclo. Sua atuação no Estrela de Ouro teve extrema importância – não só apresentou-se como grande líder da caboclada, mas também como um coreógrafo inovador, além da habilidade demonstrada na confecção de chapéus e armações. Outros haviam chegado antes para crescer o grupo – Mário (rei do Maracatu Estrela de Ouro e desenhista das golas dos caboclos) e Deda (rainha, artesã e responsável pela organização das baianas). Assim, juntos com os outros brincantes, acrescentada a liderança de Luiz Caboclo, Zé Batista e Mestre Zé Duda, eles conquistaram, nos anos de 2000 a 2005, o vice-campeonato do carnaval de Recife. Neste entre período, todavia, uma política cultural do governo federal havia transformado o Sítio Chã de Camará num Ponto de Cultura.

O Programa Pontos de Cultura consolidou-se como principal ação do Ministério da Cultura no governo do Presidente Lula (2003-2010). A ação, inserida no Programa Cultura Viva (criado pelo historiador Célio Turino), celebrava convênio com instituições reconhecidas jurídica e socialmente. Estas instituições apresentavam seu projeto e, se aprovado, recebiam apoio financeiro e técnico do Estado para desenvolverem atividades de impacto sociocultural em suas comunidades. Do valor total recebido num período de três anos (R\$185.000,00), R\$ 50 mil seria para aquisição de equipamentos audiovisuais.

A iniciativa, com primeiro edital lançado em 2004, teve o Estrela de Ouro como um dos primeiros Pontos de Cultura conveniados no Brasil, sendo o primeiro do Nordeste. Para melhor desenvolver as atividades, o Estrela de Ouro estabeleceu parceria com a Associação Reviva, de Recife. A partir de então, outros parceiros chegaram – o Conselho Estadual dos Bibliotecários, a Prefeitura de Aliança e o Governo do Estado de Pernambuco.

O Sítio começava a se transformar e, com ele, a realidade dos canavieiros e suas famílias. Logo no início, foi instalada uma biblioteca e um estúdio multimídia.

Agora as crianças e jovens poderiam ter um lugar para as leituras, sem precisar ir à cidade; enquanto os artistas locais poderiam gravar seus próprios discos.

Outros projetos foram aprovados e integrados às atividades do PC Estrela de Ouro. O Agente Cultura Viva permitiu que vinte e cinco jovens da região ganhassem uma bolsa do governo e participassem de oficinas de leitura, teatro, reforço escolar, entre outras. Com o Projeto Griô, mestres, caboclos e percussionistas do Estrela de Ouro receberam um valor para ministrar oficinas nas escolas da Rede Municipal de Aliança, transmitindo seus saberes aos mais jovens.

O Sítio Chã de Camará parecia ganhar mais vida. O maracatu passou a exibir seu talento em outros Estados. Em 2002, participou do São João de Teresina-PI. Três anos depois, lá estava no Projeto Toques e Trocas, patrocinado pela Petrobras. Neste projeto, o Estrela de Ouro recebeu, no Sítio, o alagoano Nelson da Rabeca e, como troca, foi atração em Maceió. Em 2006, contudo, os integrantes do Maracatu Estrela de Ouro viveram uma experiência ímpar – tornaram-se o primeiro maracatu rural pernambucano a se apresentar em solo europeu. Eles foram convidados e marcaram presença no 21º Festival de Danças do Mundo, realizado em Sarran, na França. Cantaram, ministraram oficina, dançaram ciranda, visitaram Paris. A estrela do maracatu sonhado pelo Mestre Batista brilhou e encantou estrangeiros.

Um ano depois, em 2007, o Maracatu seguiu para Brasília, onde participou do Projeto Maracatu Maracatuzeiros. No mesmo ano, esteve em São Paulo, apresentando-se na Teia – encontro nacional dos Pontos de Cultura e das entidades que integram o Programa Cultura Viva. Em 2008, abriu o IV Encontro Mestres do Mundo, em Juazeiro do Norte-CE.

Em 2009, com a conquista do Prêmio Interações Estéticas (Funarte/ MinC), o Maracatu Estrela de Ouro de Aliança gravou o CD Kaosnavial, juntamente com o cantor e compositor Jorge Mautner. Uma parte do disco foi gravada em Aliança, no Estúdio Mestre Zé Duda; a outra, no Rio de Janeiro, no Estúdio Afonjah. Muitas destas conquistas contaram com o apoio imprescindível do produtor Afonso Oliveira, o criador do Festival Canavial. Trata-se de um festival itinerante que reúne várias atividades culturais e grupos em apresentação por diferentes cidades.

Atualmente, o PC Estrela de Ouro é representado legalmente por José Lourenço (o Zé Batista) e tecnicamente pelo historiador Severino Vicente (o Biu Vicente). Como atividades, mantem o Maracatu Estrela de Ouro, o Cavalinho Marinho, o Coco Popular de Aliança e a Ciranda das Rosas de Ouro. Na velha casa onde funcionava a usina de cana-de-açúcar, e onde está instalado o Ponto de Cultura, funcionam também a Biblioteca Mestre Batista, o Estúdio Mestre Zé Duda e o Ponto de Leitura.

Com a gestão do novo governo federal, sob comando de Dilma Rouseff, e liderança do Ministério da Cultura em mãos de Ana de Hollanda, houve uma considerável desaceleração do Programa Cultura Viva e, conseqüentemente, do Programa Pontos de Cultura. O PC Estrela de Ouro foi surpreendido por este descontinuísmo – mas não parou. O sonho maior agora é construir o Centro Cultural Chã de Camará, com concentração de salas de aula, biblioteca, estúdio de gravação, escritório de projetos e telecentro.

O canavial vai se tornando um lugar de gestação e crescimento das manifestações da cultura popular. Expressadas por seus trabalhadores, que se unem a intelectuais e outros profissionais, tais manifestações representam não somente um modo de comunicação dos canavieiros, mas também um instrumento de desenvolvimento local. E eles seguem, em nome da continuidade de uma tradição, da celebração da vida, da disseminação do saber e, por que não dizermos, da alegria.

Considerações finais

“Os grupos recifenses estão desaparecendo (...). Parece o maracatu condenado à morte pela ausência de renovação”. (CASCUDO, 2012, p. 431)

Esta previsão está descrita no texto explicativo do verbete “maracatu”, encontrado no Dicionário do Folclore Brasileiro, de Câmara Cascudo. Felizmente, ela não se consolidou. Embora, maioria dos grupos de maracatu passem por dificuldades financeiras, ainda que conveniados com o Estado ou outras instituições, a própria mídia já os reconhece como parte importante da cultura popular pernambucana e brasileira. Especialmente no período do carnaval, é possível ver muitos eventos, além de

conteúdos no rádio, televisão, jornal e Internet, que trazem o maracatu como elemento principal.

Como compreendermos estas manifestações num período de efervescência tecnológica e estereotipismos da cultura popular expressados muitas vezes pelos grandes meios de comunicação? Acreditamos que o pensamento de Michel Maffesoli (1998) é decisivo para o debate sobre estas relações sociais contemporâneas estabelecidas, sobre as formas renovadas de “estar-no-mundo”. Também importante para assegurar a cultura, não como consequência social e sim como aspecto inerente ao ser social; para refletir encontros e reencontros espontâneos de grupos por afinidade, numa forma clara de vitalismo em que o sujeito caminha para o neotribalismo, movido pela razão sensível ou, quem sabe, como diria Gilberto Freyre, movido pelo ânimo folclórico.

Para vislumbrar este neotribalismo no Ponto de Cultura Estrela de Ouro e mais precisamente no seu maracatu, percebemos que foi indispensável a presença de ativistas midiáticos (MARQUES DE MELO, 2008; TRIGUEIRO, 2008) como Biu Vicente, Afonso Oliveira, José Lourenço, Luiz Caboclo. Eles são alguns dos responsáveis pela construção da ponte entre a mídia e o Ponto, agregando indivíduos e valor às manifestações do Estrela de Ouro, fazendo crescer suas ações. Tal construção certamente só foi possível devido ao nome do Mestre Batista, sempre lembrado com muito respeito por pessoas de toda a região. Foi o Mestre Batista um agente folkcomunicação que, já na década de 1960, investiu seu dinheiro e tempo para sustentar a paixão que tinha pelo maracatu. Sua força de vontade é ressonada ainda hoje como aprendizado para os que estão no PC Estrela de Ouro.

Esse aprendizado, mesclado aos costumes e saberes culturais constantemente ressignificados, alimentaram e alimentam aquele pedaço de terra onde estão firmados o Sítio Chã de Camará e o Maracatu Rural Estrela de Ouro de Aliança.

Referências

ANDRADE, Manuel Correia de. **O Homem e a Terra no Nordeste**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1973.

- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- BENJAMIN, Roberto. Maracatus Rurais de Pernambuco. In: PELLEGRINI FILHO, Américo (org). **Antologia do Folclore Brasileiro: século XX.** São Paulo: EDART, 1982.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro.** 12 ed.. São Paulo: Global, 2012.
- FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala.** 50 ed.. São Paulo: Global, 2005.
- GRAMSCI, Antonio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura.** 9 ed.. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- GUILLEN, Isabel. Guerra Peixe e os Maracatus no Recife: Trânsito entre Gêneros Musicais (1930-1950). In: **Revista ArtCultura**, Uberlândia, v. 9, n. 14, p. 235-251, jan.-jun. 2007.
- MAFFESOLI, Michel. **Elogio da Razão Sensível.** Petrópolis: Vozes, 1998.
- MARQUES DE MELO, José. **Mídia e Cultura Popular: História, Taxionomia e Metodologia da Folkcomunicação.** São Paulo: Paulus, 2008.
- PEIXE, César Guerra. **Maracatus do Recife.** São Paulo-Recife: Irmãos Vitale/Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1981.
- REAL, Katarina. **O Folclore no Carnaval do Recife.** Recife: Massangana, 1990.
- SILVA, Severino Vicente da. **Maracatu Estrela de Ouro de Aliança: a saga de uma tradição.** Recife: Editora Reviva, 2008.
- TRIGUEIRO, Osvaldo. **Folkcomunicação e Ativismo Midiático.** João Pessoa: Editora UFPB, 2008.